

CARTA DO GESTOR Nº 59 – AGOSTO DE 2024

Caros Investidores,

Nesta carta, comentaremos os resultados do fundo no mês de agosto, apresentaremos nossa avaliação de cenário internacional e cenário local – abordando, com destaque, as **eleições nos EUA** em 05 de novembro – e explicitaremos o posicionamento do fundo neste início de setembro.

1- Resultados

O Ace Capital FIC FIM registrou ganho de 0,81% em agosto; ganho de 1,67% no acumulado dos últimos 12 meses; e acumula retorno de 51,02% desde seu início em 30/09/2019 (107% do CDI ou CDI+0,44% a.a.).

O fundo registrou ganho no livro de Renda Variável (+0,48%), com o desempenho mais favorável da bolsa local - contribuição favorável da carteira de ações – e da compra tática que havíamos feito no S&P. Contudo, o livro de Moedas e Cupom Cambial (-0,22%) registrou perda em posições compradas em dólar contra outras moedas. As contribuições dos livros de Valor Relativo (-0,11%) e de Renda Fixa (-0,08%) foram um pouco negativas.

Resultados do Fundo por Estratégia

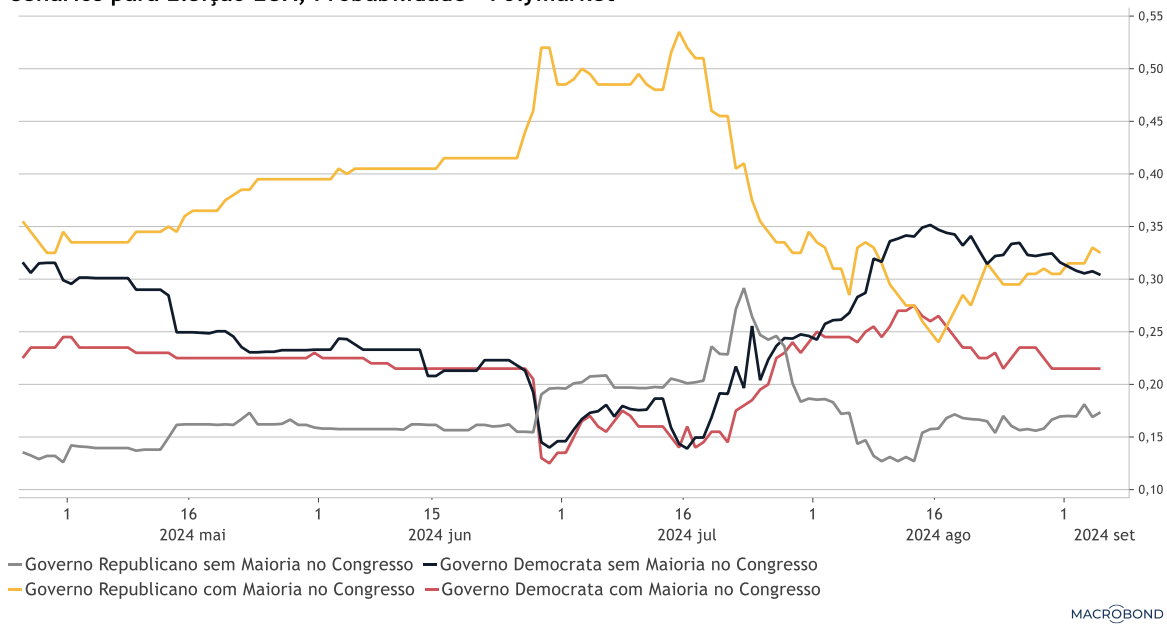
	Jul-24	Ago-24	YTD	12 Meses	Início
Renda Fixa	0,29%	-0,08%	-2,77%	-1,54%	16,03%
Renda Variável	0,18%	0,48%	-1,42%	-1,58%	1,24%
Moedas e Cupom Cambial	-0,50%	-0,22%	-1,53%	-1,79%	1,91%
Valor Relativo	-0,07%	-0,11%	-0,86%	-1,64%	1,17%
Total de Valor Adicionado	-0,10%	0,07%	-6,59%	-6,55%	20,35%
Caixa, Taxas, Custos e Outros	0,68%	0,75%	5,46%	8,22%	30,67%
Ace Capital FIC FIM	0,58%	0,81%	-1,12%	1,67%	51,02%

2- Cenário

EUA. Eleições presidenciais: quais são as principais políticas em discussão?

Nosso objetivo não é prever quem será o vencedor, pois acreditamos que alguns modelos publicamente disponíveis, bem como os "odds" das casas de apostas, já passam uma boa ideia de que o resultado da eleição está em aberto – após a desistência do atual presidente Joe Biden. **Desta forma, nossa intenção é tentar discutir as políticas públicas de cada um dos candidatos, principalmente na parte econômica, e possíveis efeitos sobre os mercados.** Para tanto, vamos nos utilizar do que já temos de informação até o momento, seja por comentários de campanha, seja por meio dos artigos de opinião publicamente disponíveis dos principais conselheiros das campanhas.

Cenários para Eleição EUA, Probabilidade - Polymarket



É importante ressaltar que a composição do Congresso é determinante para capacidade do presidente em aprovar medidas, principalmente aquelas que mexem no orçamento e impostos. Primeiramente, a eleição do Senado irá eleger 34 senadores, um terço do total de assentos da casa. Considerando a composição atual do Senado, bem como as pesquisas mais recentes, os Republicanos são favoritos para terem a maioria após a eleição. Na Câmara, todos os 435 assentos estão em disputa e o resultado está mais em aberto, com ligeiro favoritismo para os Democratas. Desta forma, as casas de aposta apontam para cerca de 32% de chance de governo com presidência e congresso republicanos, seguido por ~30% de chance de um governo com presidência democrata sem maioria no congresso, 21% de chance de governo com presidência e congresso democratas e 17% de chance de presidência para o partido

republicano sem maioria no congresso. As probabilidades têm oscilado entre “presidente republicano com maioria” e “presidente democrata sem maioria” – este segundo seria a continuidade da situação atual.

Vamos abordar 4 eixos principais que consideramos mais importantes para os mercados: (1) fiscal (impostos e gastos); (2) regulação; (3) Europa e Ucrânia; e (4) China e emergentes.

(1) Política doméstica – impostos e gastos

Kamala Harris (D) – a candidata democrata ao governo confirmou recentemente que pretende implementar os aumentos de impostos que estavam previstos pela campanha do agora ex-candidato Joe Biden. Estes aumentos de impostos recairiam sobre a parcela da população de maior renda, contemplando as famílias com renda superior a US\$ 400 mil por ano. Segundo as contas do site Tax Policy Center, a alíquota marginal de imposto de renda para esta faixa de renda subiria para 44,6%, comparado a alíquota atual de 37%. A campanha democrata ainda defende elevar o imposto de renda corporativo para 28%, comparado à alíquota atual de 21%. Por fim, foi ventilado pela campanha a possibilidade de taxar ganhos de capital ainda não acruados, o que poderia gerar problemas diversos, e hoje não está claro se sua implementação seria possível.

Pelo lado dos gastos, o objetivo democrata é reforçar as transferências de renda via o aumento do crédito tributário para famílias com crianças, de US\$ 3.000 por criança atualmente para US\$ 3.600, e US\$ 6.000 para recém-nascidos.

A maior parte das promessas de campanha acima descritas só poderão ser executadas se os democratas obtiverem o controle da Presidência e das duas casas do Congresso, o que hoje, pelas casas de apostas, tem cerca de 22% de chance de acontecer. No entanto, vale lembrar que, mesmo no caso em que uma das casas seja republicana, os democratas teriam uma carta na manga para tentar negociar algum acordo, já que em 2025 parte dos cortes de impostos feito pelo governo Trump expiram e, desta forma precisariam de legislação para seguirem válidos, o que é uma importante bandeira da campanha republicana.

Donald Trump (R) – a principal Bandeira de campanha republicana pelo lado dos impostos é a extensão dos cortes de impostos pessoais do primeiro governo Trump (Tax Cuts and Jobs Act de 2017), que expiram em 2025. Além disso, o candidato republicano ainda sugeriu em algumas entrevistas a possibilidade de corte adicional de imposto corporativo, embora não esteja claro a aceitação desta política mesmo em um possível congresso republicano, haja visto o tamanho atual do déficit e o fato do imposto corporativo ser relativamente baixo (21%).

Outra proposta de Donald Trump, que se mistura com política externa, é a imposição de tarifas sobre os parceiros comerciais. Tanto Donald Trump como seu candidato a vice-presidente, JD Vance, já comentaram em diversas oportunidades que a imposição de tarifas também pode ser considerado um imposto, o que, segundo eles, poderia compensar corte de impostos a pessoas físicas. Nossa opinião é que tarifa é uma forma ineficiente e distorciva de se coletar impostos e, desta forma, não podemos considerar como solução permanente para aumento de arrecadação.

Pelo lado dos gastos, o candidato republicano já comentou em diversas oportunidades que pretende reduzir desperdícios em alguns departamentos do governo, embora não esteja claro como isso seria feito e quanto poderia efetivamente ser reduzido. Um departamento que costuma ser mencionado como potencial fonte de corte orçamentário é o departamento de educação.

(2) Política doméstica - Regulação

Kamala Harris (D) – na parte de regulação, existe uma grande preocupação entre os democratas em se controlar supostos comportamentos abusivos de grandes corporações, principalmente nas indústrias alimentícia e farmacêutica. A candidata Harris costuma se referir mais especificamente a eventos ocorridos durante a pandemia, quando o aumento expressivo de demanda por alimentos fez os preços explodirem bem acima do preço dos insumos, elevando o lucro das empresas alimentícias, prática que costuma ser descrito, em inglês, como *price gauging*. Desta forma, a campanha democrata planeja utilizar o órgão regulador anti-trust FTC para investigar e multar companhias que violem novas leis contra a prática de *price gauging*. Outros setores da economia também podem ser alvo de política anti-trust de um possível governo democrata, como *big techs*, hospitais, seguradoras e mídia.

Donald Trump (R) – a política regulatória de Donald Trump deve atingir de maneira distinta os diversos setores da economia. O setor de energia fóssil deve ser um grande beneficiado de um possível governo Trump. De fato, o candidato republicano sempre se coloca a favor de desregular o setor de forma a aumentar a produção de petróleo e gás dos Estados Unidos. Desta forma, diversas medidas implementadas pelo governo Biden ao longo dos últimos quatro anos devem ser revistas. Como exemplo, podemos citar a suspensão temporária de exploração de petróleo em terras públicas, congelamento das emissões de permissões para exportar gás, restrição de permissão de exploração no golfo do México, dentre outras. Por consequência, o setor de óleo e gás tem sido um dos principais apoiadores da campanha republicana à presidência e já existe inclusive especulações de que executivos do setor já trabalham em ordens executivas para serem assinadas pelo Trump caso este vença a eleição em novembro.

(3) Política Externa – Europa e Ucrânia

Kamala Harris (D) – a política externa de Kamala Harris com relação à guerra da Ucrânia pode ser entendida como de continuidade. Desta forma, a vitória de Kamala Harris em novembro viria como um grande alívio aos países europeus, que hoje podem contar com os Estados Unidos como grande aliado no suporte financeiro e técnico da campanha da guerra da Ucrânia contra a Rússia.

Donald Trump (R) – a vitória do candidato republicano na eleição de novembro viria como um banho de água fria para os líderes dos países europeus. De fato, não somente pelo lado comercial, em que Trump ameaça a imposição de tarifas sobre os países europeus, mas também pelo lado geopolítico, pois Trump é visto como uma grande ameaça no velho continente. Alguns de seus principais conselheiros falam explicitamente em um acordo “de paz” com o líder russo Vladimir Putin, no qual a Rússia ficaria com a parte da Ucrânia já conquistada e o ocidente se compromete em não incluir a Ucrânia na Otan no futuro. O argumento destes conselheiros é que a capacidade militar dos Estados Unidos não é ilimitada e, desta forma, faz mais sentido utilizar seus recursos na Ásia, continente hoje bem mais relevante do ponto de vista geopolítico. Além disso, a Europa, continente com o PIB comparável ao americano e cerca de dez vezes o PIB russo, tem os recursos suficientes para resolver seus próprios problemas e conter ameaças externas.

(4) Política Externa – China e emergentes

A China hoje é obviamente a maior ameaça à hegemonia econômica e militar dos Estados Unidos, tendo se tornado o maior produtor industrial em termos de volume, bem como líder tecnológico em diversos setores estratégicos para a economia global. Isso tornou o país o principal *player* na cadeia de suprimentos global, sendo que em diversos setores, principalmente em energia renovável, a China é o único produtor capaz de suprir a crescente demanda global. Toda essa dependência da China tem implicações para questões relacionadas à segurança nacional, o que tem deixado os países ocidentais cada vez mais desconfortáveis, principalmente em função do crescente embate geopolítico entre nações democráticas e governos autoritários.

Assim sendo, tendo percebido tardiamente que estão em posição desvantajosa com relação à China em diversos setores estratégicos, os países desenvolvidos estão buscando soluções de forma a não ficarem para trás nesta corrida pela liderança competitiva das indústrias do futuro. Desta forma, a essência da política americana com relação à China será a mesma, seja em um governo democrata ou republicano. A diferença virá apenas com relação aos meios para se atingir o objetivo final, que é buscar independência com relação à China no fornecimento dos materiais essenciais às indústrias estrategicamente importantes.

Kamala Harris (D) – podemos novamente projetar um possível governo Harris como de continuidade. Por um lado, tarifas seguirão sendo utilizadas como parte das políticas, ainda que de forma limitada. Por outro, o foco principal seguirá sendo de política industrialista, com o governo se utilizando de atratores ao investimento na produção local, conforme as políticas do IRA (Inflation Reduction Act) e Chips Act do governo Biden. Além disso, podemos esperar maior proximidade aos países aliados, seja no continente europeu, com quem o governo Biden tem se consultado antes de impor políticas anti-China, ou com as nações emergentes politicamente alinhadas. Como referência para política americana para os países emergentes, vale a leitura de artigo recente de Brian Deese na revista americana *Foreign Affairs*. O autor, que foi *senior economic advisor* de Biden e é visto como potencial membro de um governo Harris, sugere um tipo de plano Marshall para energia renovável, no qual o governo americano facilitaria investimento privado dos EUA em nações aliadas. Os objetivos aqui seriam tanto a criação de novos mercados para produtores americanos, bem como ampliar a capacidade de produção de matérias primas nos países aliados, de forma a diversificar a cadeia de fornecedores necessária à transição energética.

Donal Trump (R) – um possível segundo governo Trump terá como objetivo final o mesmo descrito acima, porém os meios devem ser bem diferentes. Conforme proposto em diversas ocasiões por Robert Lighthizer, ex-representante de comércio do primeiro governo Trump e visto como potencial membro de um segundo governo, o uso de tarifas seria ainda mais abrangente, atingindo não somente a China como também países considerados aliados. De fato, a utilização de tarifas é uma das poucas políticas em que Trump é totalmente explícito, tendo mencionado diversas vezes que irá impor tarifas de 60% em todas as importações chinesas e 10% em todo o restante das importações. É provável que políticas de incentivo à produção local também tenha algum papel em um segundo governo Trump, porém mais via desregulamentação do que via política de subsídios.

Um risco importante a ser monitorado é o fato de aliados do ex-presidente terem mencionado que pretendem se dissociar economicamente da China em quatro anos, porém não está claro como isso será feito. Considerando a integração da economia chinesa com a economia americana, é difícil vislumbrar uma dissociação completa entre as duas economias em tão pouco tempo. O que podemos esperar é um governo ainda mais combativo em matéria de comércio, não só contra a China, mas também contra países considerados aliados, bem como ainda maior imprevisibilidade de política, inclusive quando comparável ao primeiro mandato de Trump.

Resumo das políticas e impacto sobre mercados

Um possível governo democrata deverá adotar uma postura mais agressiva com relação à regulação,

principalmente em setores que têm maior influência sobre os custos de vida da classe média. Do lado fiscal, podemos esperar aumento de impostos para as famílias mais ricas e para as empresas, bem como maiores transferências para a classe média. A abrangência da política fiscal será determinada, conforme descrito acima, pela composição do Congresso. E, por fim, esperamos uma política comercial mais focada em políticas industrialistas, porém com a continuidade do uso de tarifas, exclusivamente sobre a China. Este mix de política pode se mostrar, em geral, ruim para as ações das empresas americanas, principalmente nos setores que sofrerão maior regulação, e ruim para o dólar (no caso de uma continuidade da situação atual, de "presidência com congresso dividido", o impacto tenderia a ser menor). Além disso, a política externa mais amigável com relação aos países aliados deveria favorecer os ativos destes países – de uma forma geral, países Emergentes sairiam beneficiados para novas alocações.

Por outro lado, no caso em que o candidato republicano vença as eleições em novembro, podemos esperar a reversão de diversas medidas regulatórias, principalmente no setor de óleo e gás, que deve ser um dos grandes beneficiados de um segundo mandato de Trump. Pelo lado fiscal, é provável que tenhamos déficits continuamente elevados, haja visto a resistência maior do partido em subir impostos, e a dificuldade em se cortar gastos discricionários, que hoje correspondem à parte pequena do orçamento. Pelo lado da política comercial, nos parece provável o aumento de tarifas inclusive sobre países aliados. Desta forma, o governo Trump teria o efeito de apreciar o dólar e pressionar as taxas de juros para cima. O efeito das políticas sobre as ações das empresas norte-americanas nos parece um pouco ambíguo, porém acreditamos que, relativamente às políticas apresentadas pela campanha democrata, um governo republicano seria percebido como melhor para o mercado acionário.

Por fim, sobre a parte de imigração, que foi tema muito relevante ao longo dos últimos anos, esperamos que um governo republicano seja mais restritivo comparativamente a um governo democrata. No entanto, vale lembrar que os números de imigração já diminuíram de forma significativa desde as medidas anunciadas pelo atual governo em junho. De fato, o total de imigrantes novos, que chegou a superar 300 mil por mês no auge, caiu para cerca de 150 mil mensais, comparado a cerca de 100 mil antes da pandemia. Desta forma, mesmo que um novo governo Trump tenha sucesso em normalizar a entrada de imigrantes, a redução comparada ao número atual não seria tão significativa.

Brasil: crescimento inflacionário

Com a divulgação do PIB do 2º trimestre, acima do esperado, revisamos nosso crescimento do ano fechado de 2,6% para 3%. Em tese, um crescimento robusto com esse deveria ser visto como algo bem

positivo, especialmente em um cenário global de desaceleração (ainda) moderada da atividade com início de um ciclo de corte de juros por parte do FED. Tudo mais constante, deveria ajudar a compor uma história mais positiva do país para o investidor estrangeiro. Entretanto, para que isso aconteça, é preciso que haja a confiança de que esse crescimento mais robusto seja sustentado e, sobretudo, que não vai se tornar um descontrole inflacionário à frente.

Contudo, pensando prospectivamente, o ambiente doméstico tem se tornado mais inflacionário. Estamos convivendo com expectativas desancoradas, taxa de desemprego nas mínimas históricas, hiato do produto já em território inflacionário e taxa de câmbio se consolidando em patamar mais depreciado. Isso já valia antes desse PIB e das revisões que ele desencadeou, que só reforçaram o argumento. Em um ambiente como esses, é muito importante que os formuladores de política econômica (monetária e fiscal) mostrem total comprometimento em manter a inflação sob controle. Isso passa não apenas por dizer que farão o que for preciso, mas, de fato, fazer o que for preciso.

Diante dessa conjuntura local, tem ficado mais claro a necessidade de um ajuste na taxa de juros. O Banco Central, em suas comunicações, tem reconhecido isso. Contudo, parece também reconhecer (e se preocupar) que o ambiente global está mudando, com atividade desacelerando e os principais bancos centrais apontando para ciclos maiores de queda de juros, inclusive o Fed. A maneira mais indicada, no momento, para equilibrar esses diversos pratos sem deixá-los cair seria começar um ciclo com uma elevação de 25 bps em setembro e ir acompanhando a evolução do cenário.

3- Posicionamento

Nosso diagnóstico segue sendo de que a economia norte-americana está numa trajetória de desaceleração gradual. Mas reforçamos nossa percepção de que o balanço de risco migrou rapidamente para um receio maior com a velocidade e intensidade dessa desaceleração.

Isso cristalizou o início da queda de juros em setembro, mas também abriu uma grande discussão sobre a possível necessidade de um ajuste mais rápido e intenso pelo Fed (ex. possibilidade de cortes de 50 bps ao invés de 25 bps; hoje o mercado precifica, já para a reunião de setembro, o equivalente a um corte de 36 bps). O debate corrente passou, portanto, de “preocupação com inflação” para “preocupação com atividade e mercado de trabalho” – o Fed passou a ser questionado se teria ficado “atrás da curva”, pois está mantendo a taxa básica de juro num patamar muito restritivo por mais tempo do que o necessário, aumentando o risco de recessão.

Se, por um lado, a cristalização do início do ciclo de corte de juros pelo Fed é um dos eventos mais

aguardados pelos mercados, com possível impacto favorável para fluxos financeiros para o mundo emergente; por outro, o receio crescente com relação à velocidade dessa desaceleração não é, necessariamente, positivo – pois aumenta a percepção de risco para os ativos de risco de maneira geral, sobretudo para *equities*.

É um cenário, portanto, que ainda exige bastante cautela. Contudo, acreditamos que o cenário internacional tem caminhado, aos poucos, para uma maior normalidade, com as variáveis econômicas e os modelos de projeção se comportando de modo mais similar ao que funcionavam no pré-pandemia. Esse cenário também abre maiores possibilidades de diferenciações entre as economias / geografias, de acordo com os seus respectivos estágios de ciclo econômico. Os ativos, em tese, deveriam refletir mais as questões idiossincráticas e ficarem menos correlacionados com os juros nos EUA, o que entendemos ser bastante positivo.

Na contramão dessa maior preocupação com o ritmo de crescimento das principais economias, o Brasil está num cenário que classificamos como “crescimento inflacionário” – os números mostram um ritmo de atividade forte, acima do potencial, com uma dinâmica de inflação mais preocupante para os próximos trimestres. Esse cenário de diferenciação traz boas oportunidade de investimentos, mas continuamos a adotar uma postura mais tática e oportunista, tentando explorar as assimetrias de preços à medida que aconteçam.

Detalhamos, a seguir, o posicionamento atual do fundo dentro das nossas 4 estratégias principais.

Renda Fixa. No livro de renda fixa local, continuamos buscando mais operações de valor relativo e continuamos com exposição direcional reduzida. Na parte de juros internacionais, mantivemos a posição aplicada, distribuída por diversas geografias.

Moedas e Cupom Cambial. Iniciamos o mês sem posição relevante em moedas. Acreditamos que o real (BRL) tem potencial positivo tanto pelo aumento do diferencial de juros, como pela presença do BCB em momentos de necessidade, entretanto a instabilidade atual pode ser punitiva para a moeda e preferimos ter apenas trades táticos. Permanecemos comprados em volatilidade e com posição tomada no cupom cambial.

Valor Relativo. Diante de diferenciação de política monetária esperada para o Brasil, onde devemos iniciar um ciclo de alta de juros enquanto US e outras geografias adentram ciclos de corte, vemos espaço para *outperformance* do BRL vs outras moedas e, também, contra a renda fixa local.

Renda Variável. Voltamos a aumentar exposição a ações brasileiras através do aumento de exposição ao setor elétrico e a bancos. Aumentamos também a posição em ações internacionais através do setor de tecnologia e S&P. Na estratégia de valor relativo, mantivemos posições compradas nos setores de *commodities*, energia elétrica, saneamento e construção civil contra índice.

Fundo: Ace Capital FIC FIM

Objetivo: o fundo tem como objetivo, mediante a aplicação preponderante em cotas do Fundo Master, atingir rentabilidade acima do CDI, buscando oportunidades em taxas de juros, moedas, renda variável e derivativos diversos, tanto no mercado local quanto internacional, observada a política de investimento do Fundo.

Características:

- Tipo Anbima: Multimercados Macro
- Data de Início: 30/09/2019
- Público-alvo: Investidores em Geral
- Taxa de Administração: 2% a.a. com o Fundo Master (máx. de 2,20% a.a.)
- Taxa de Performance: 20% sobre o que exceder o CDI
- Mínimo para aplicação Inicial: R\$ 500,00
- Mínimo para Aplicação Adicional e Resgate: R\$ 100,00
- Saldo Mínimo: R\$ 100,00
- Cotização de Aplicações: D+0
- Cotização de Resgate: D+30, com liquidação no dia útil seguinte
- Classificação Tributária: Longo Prazo
- Administrador: Intrag DTVM
- Custodiante: Itaú Unibanco
- Auditor: PWC



As informações contidas nessa apresentação têm caráter meramente informativo e estão sujeitas a mudança sem qualquer tipo de notificação prévia. Este documento não constitui uma oferta de serviço pela Ace Capital e é para uso exclusivo de seu destinatário, não devendo ser utilizado para quaisquer outros fins. A Ace Capital utiliza informações de fontes que acredita serem confiáveis, mas não se responsabiliza pela exatidão de quaisquer das informações assim obtidas e utilizadas neste documento, as quais não foram independentemente verificadas. Além disso, as informações e expectativas sob o cenário da economia brasileira e global foram analisadas até a data de envio deste material, sendo que eventuais fatores econômicos futuros podem não ter sido previstos e, consequentemente, considerados para esta análise fornecida pela Ace Capital. Fundos de investimento que utilizam estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimentos podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas, podendo inclusive acarretar perdas superiores ao capital aplicado e a consequente obrigação do cotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo do fundo, caso o fundo de investimento adote estratégia com derivativos para fins de alavancagem. As informações constantes nesta apresentação estão em consonância com os Regulamentos, Formulários de Referência, se houver, Lâmina de Informações Essenciais, se houver, porém não os substituem. Para avaliação da performance de quaisquer fundos de investimentos, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 (doze) meses. Os fundos de investimento multimercados com renda variável e os fundos de investimento em ações podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Fundos de investimento não contam com garantia da Ace Capital, do administrador, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos (FGC). Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Regulamento, de eventual Lâmina de Informações Essenciais, se houver, e do Formulário de Informações Complementares, se houver, dos fundos de investimento em que deseja aplicar. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. Este documento não constitui uma opinião ou recomendação, legal ou de qualquer outra natureza, por parte da Ace Capital, e não leva em consideração a situação particular de qualquer investidor. A utilização das informações aqui contidas se dará exclusivamente por conta e risco de seu usuário. Antes de tomar qualquer decisão acerca de seus investimentos, a Ace Capital recomenda ao interessado que consulte seu próprio consultor legal.

OBJETIVO

O Ace Capital FIC FIM - CNPJ 34.774.662/0001-30 ("FUNDO") objetiva atingir rentabilidade acima do CDI, direcionando, no mínimo, 95% (noventa e cinco por cento) de seu patrimônio em cotas do fundo Ace Capital Master FIM - CNPJ 34.687.549/0001-18 ("MASTER"), cuja política de investimento consiste em aplicar seus recursos em ativos financeiros de diferentes naturezas, riscos e características, sem o compromisso de concentração em nenhum ativo ou fator de risco em especial, observadas demais condições presentes em seus regulamentos.

PÚBLICO-ALVO

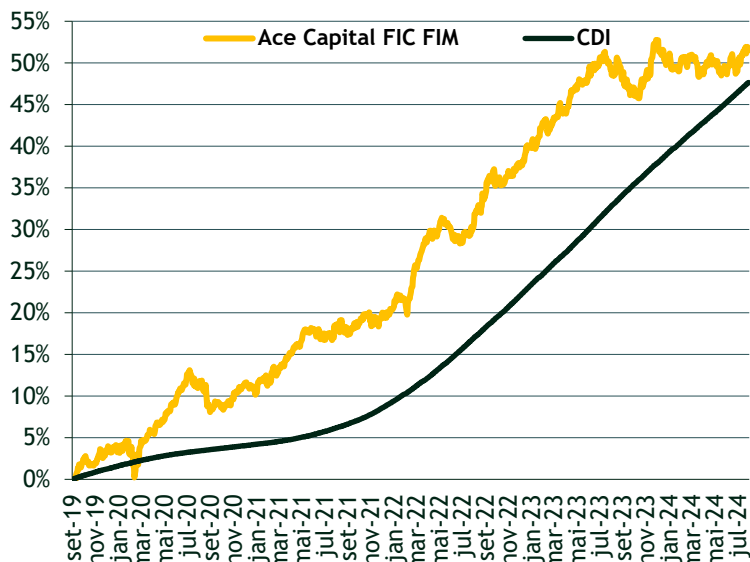
O FUNDO é destinado a receber aplicações de recursos provenientes de investidores em geral, que busquem performance diferenciada e entendam a natureza e a extensão dos riscos envolvidos

GESTOR: Ace Capital Gestora de Recursos Ltda.
CNPJ: 33.411.393/0001-85
CLASSIFICAÇÃO ANBIMA: Multimercado Macro

RENTABILIDADE

ANO	RETORNO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	ANO	INÍCIO
2019	Fundo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2,45%	-0,42%	1,55%	3,60%	3,60%
	CDI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	510%	-	412%	290%	290%
2020	Fundo	-0,41%	-0,25%	1,69%	0,87%	1,48%	2,06%	2,90%	-1,18%	-2,61%	0,36%	0,86%	1,87%	7,76%	11,64%
	CDI	-	-	496%	306%	620%	956%	1.491%	-	-	232%	574%	1.135%	280%	288%
2021	Fundo	-1,12%	0,75%	2,00%	1,40%	1,46%	1,02%	-0,98%	1,42%	-0,89%	1,18%	0,05%	1,00%	7,47%	19,98%
	CDI	-	558%	1.010%	676%	548%	333%	-	335%	-	246%	9%	131%	170%	232%
2022	Fundo	1,15%	0,22%	3,00%	3,08%	0,96%	-0,27%	-1,22%	2,02%	2,73%	1,00%	0,81%	0,53%	14,82%	37,76%
	CDI	158%	29%	325%	370%	93%	-	-	173%	255%	98%	79%	47%	120%	171%
2023	Fundo	1,58%	1,90%	0,45%	0,61%	1,89%	1,50%	1,10%	-1,42%	0,25%	-1,93%	1,63%	2,92%	10,87%	52,74%
	CDI	141%	206%	38%	67%	168%	140%	103%	-	25%	-	177%	326%	83%	139%
2024	Fundo	-1,36%	-0,51%	0,71%	-1,56%	1,00%	-0,77%	0,58%	0,81%	-	-	-	-	-1,12%	51,02%
	CDI	-	-	86%	-	119%	-	64%	94%	-	-	-	-	-	107%

Rentabilidade líquida de administração e performance e bruta de impostos.

PERFORMANCE ACUMULADA**ESTATÍSTICAS**

Retorno acumulado	51,02%
Retorno acumulado em %CDI	107%
Rentabilidade em 12 meses	1,67%
Volatilidade anualizada	4,3%
Sharpe	0,1
Retorno médio mensal	0,71%
Número de meses positivos	43
Número de meses negativos	16
Número de meses acima de 100% do CDI	31
Número de meses abaixo de 100% do CDI	28
Maior rentabilidade mensal	3,08%
Menor rentabilidade mensal	-2,61%
Patrimônio líquido	R\$ 411.539.817
Patrimônio médio em 12 meses	R\$ 555.120.167
Patrimônio líquido do MASTER	R\$ 1.522.156.375

INFORMAÇÕES GERAIS

Data de Início	30/09/2019
Taxa de Administração*	2,00% a.a.
Taxa de Performance	20% sobre o que exceder o CDI
Classificação Tributária	Longo Prazo
Administrador	Intrag DTVM Ltda.
Custodiante	Itaú Unibanco S.A.
Auditor	PWC

MOVIMENTAÇÃO

Mínimo para Aplicação Inicial	R\$ 500,00
Saldo Mínimo	R\$ 100,00
Mínimo para Aplicação Adicional e Resgate	R\$ 100,00
Cota	Fechamento
Cotização de Aplicações	D+0
Cotização de Resgates	D+30 corridos
Liquidação de Resgates (pós Cotização)	D+1 útil

*Este valor já incorpora a taxa de administração do FUNDO e a taxa de administração do MASTER. A taxa máxima de administração permitida é de 2,20% a.a.



Gestão de Recursos

A Ace Capital não comercializa nem distribui cotas de fundos de investimento ou qualquer outro ativo financeiro. As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não se caracterizam e nem devem ser entendidas como uma promessa ou um compromisso da Ace Capital, além de não levar em consideração a situação particular de qualquer investidor. Antes de tomar qualquer decisão acerca de seus investimentos, a Ace Capital (i) recomenda ao interessado que consulte seu próprio consultor e (ii) não se responsabiliza pelas decisões de investimento. O FUNDO utiliza estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimentos, o que pode resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas, podendo, inclusive, acarretar em perdas superiores ao capital aplicado e a consequente obrigação do cotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo do FUNDO. O FUNDO está autorizado a realizar aplicações em ativos financeiros no exterior. O FUNDO pode estar exposto a significativa concentração em ativos de poucos emissores, variação cambial e outros riscos não mencionados neste material. Os fundos de investimento multimercados com renda variável e os fundos de investimento em ações podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Para avaliação da performance de quaisquer fundos de investimentos, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 (doze) meses. O FUNDO buscará manter uma carteira de ativos com prazo médio superior a 365 dias. Alterações nestas características podem levar a um aumento do IR incidente sobre a rentabilidade auferida pelo cotista. Não há garantia de que este Fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS E DA TAXA DE SAÍDA. RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DOS GESTORES, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITOS - FGC. É recomendada a leitura cuidadosa do Formulário de Informações Complementares, se houver, da Lâmina de Informações Essenciais e do Regulamento do FUNDO e do MASTER pelo investidor antes de aplicar seus recursos, conforme disponíveis no site do Administrador: Intrag DTVM Ltda., CNPJ nº 62.418.140/0001-31, www.intrag.com.br, Av. Brigadeiro Faria Lima, nº 3.400, 10º andar, Itaim Bibi, São Paulo - SP. Telefone (11) 3072-6109, dias úteis, das 9 às 18h, ou utilize o SAC Itaú 0800 728 0728, todos os dias, 24h. Se desejar a reavaliação da solução apresentada após utilizar esses canais, recorra à Ouvidoria Corporativa Itaú Unibanco 0800 570 0011, dias úteis, das 9 às 18h, Caixa Postal nº 67.600, CEP 03162-971. Deficientes auditivos ou de fala 0800 722 1722, disponível 24h todos os dias.